

EDUCAÇÃO

V.10 • N.3 • Publicação Contínua - 2021

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2021v10n3p157-170



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO: MEMÓRIAS DO PARANOÁ/UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

YOUTH AND ADULT EDUCATION AS AN INSTRUMENT OF
RESISTANCE AND TRANSFORMATION: MEMORIES OF PARANOÁ
/ UNIVERSITY OF BRASÍLIA

EDUCACIÓN JUVENIL Y ADULTA COMO INSTRUMENTO DE
RESISTENCIA Y TRANSFORMACIÓN: MEMORIAS DE PARANOÁ/
UNIVERSIDAD DE BRASÍLIA

Maria Luiza Ferreira Duques¹
Cláudio Eduardo Félix dos Santos²

RESUMO

O presente estudo investigou uma proposta de Educação de Jovens e Adultos (EJA) desenvolvida pela Universidade de Brasília (UnB), desde a segunda metade da década de 1980 e, objetivou analisar, por meio das memórias de educadores universitários, as concepções formativas, as contradições e resistências presentes no Projeto de EJA do Paranoá em Brasília. O estudo buscou uma aproximação com o método materialista histórico-dialético, cujas análises se estruturaram por entrevistas e análises de documentos. As discussões no âmbito da EJA cunharam-se essencialmente em Freire (1998), Fávero (2009) e Haddad (1998), sendo que o aprofundamento da experiência estudada se deu por meio de Reis (2011) e Soares (2011). Por se tratar de um estudo de memória social e coletiva, Halbwachs (2003; 2004) foi a principal referência no âmbito da memória e Marx (1980) foi adotado para a discussão do método. Os resultados apontaram que, em razão da natureza do Projeto, há um impacto da dimensão política na educação. O aspecto da alfabetização dos jovens e adultos motivou o início do Projeto, mas existe uma perspectiva de resistência e luta pelos direitos humanos e sociais, funcionando como um espaço indutor de transformação das realidades sociais. A concepção formativa é de valorização dos sujeitos sociais e construção da criticidade necessária para a busca dos direitos. As memórias dos educadores revelaram o alcance e importância que o Projeto Paranoá possui para a universidade, para os sujeitos sociais do Paranoá, e para a própria EJA, ao ser ressignificada pelo empréstimo do legado do Paranoá para todo Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

EJA. Projeto Paranoá. Memórias. Resistência. Universidade de Brasília.

ABSTRACT

The present study investigated a proposal for Youth and Adult Education-EJA developed by the University of Brasília-UnB, since the second half of the 1980s and, aimed to analyze, through the memories of university educators, the formative conceptions, the contradictions and resistance present in the Paranoá EJA Project in Brasília. The study sought an approximation with the dialectical historical materialist method, whose analyzes were structured by interviews and analysis of documents. Discussions within the scope of EJA were essentially coined in Freire (1998); Fávero (2009) and Haddad (1998), and the deepening of the studied experience took place through Reis (2011) and Soares (2011). As it is a study of social and collective memory, Halbwachs (2003; 2004) was the main reference in the scope of memory and Marx (1980) was adopted to discuss the method. The results showed that, due to the nature of the Project, there is an impact of the political dimension in education. The literacy aspect of young people and adults motivated the beginning of the Project, but there is a perspective of resistance and struggle for human and social rights, functioning as an inductive space for the transformation of social realities. The formative concept is to value social subjects and build the necessary criticality for the pursuit of rights. The educators' memoirs revealed the scope and importance that the Paranoá Project has for the university, for the social subjects of Paranoá, and for EJA itself, when it was re-signified by borrowing the Paranoá legacy for all of Brazil

KEYWORDS

EJA. Paranoá Project. Memoirs. Resistance. Transformation. University of Brasilia.

RESUMEN

El presente estudio investigó una propuesta de Educación para Jóvenes y Adultos-EJA desarrollada por la Universidad de Brasília-UnB, desde la segunda mitad de la década de 1980 y, con el objetivo de analizar, a través de los recuerdos de los educadores universitarios, las concepciones formativas, las contradicciones y resistencia presente en el Proyecto Erano Paranoá en Brasília. El estudio buscó una aproximación con el método materialista histórico dialéctico, cuyos análisis fueron estructurados por entrevistas y análisis de documentos. Las discusiones dentro del alcance de EJA se acuñaron esencial-

mente em Freire (1998); Fávero (2009) y Haddad (1998), y la profundización de la experiencia estudiada tuvo lugar a través de Reis (2011) y Soares (2011). Como se trata de un estudio de la memoria social y colectiva, Halbwachs (2003; 2004) fue la referencia principal en el ámbito de la memoria y se adoptó a Marx (1980) para analizar el método. Los resultados mostraron que, debido a la naturaleza del Proyecto, existe un impacto de la dimensión política en la educación. El aspecto de la alfabetización de los jóvenes y adultos motivó el inicio del Proyecto, pero existe una perspectiva de resistencia y lucha por los derechos humanos y sociales, que funciona como un espacio inductivo para la transformación de las realidades sociales. El concepto formativo es valorar los sujetos sociales y construir la criticidad necesaria para la búsqueda de los derechos. Las memorias de los educadores revelaron el alcance y la importancia que el Proyecto Paranoá tiene para la universidad, para los sujetos sociales de Paranoá y para la propia EJA, cuando se volvió a significar tomando prestado el legado de Paranoá para todo Brasil.

PALABRAS-CLAVE

EJA. Proyecto Paranoá. Recuerdos. Resistencia. Transformación. Universidad de Brasilia.

1 INTRODUÇÃO

Transcorrido um longo período em que a EJA foi marginalizada no âmbito das políticas educacionais, o movimento em prol da modalidade educativa começou a reaver sua importância, inscrevendo-a nas pautas das políticas públicas nacionais e desvelando novos modos de formular propostas voltadas aos jovens e adultos alijados dos processos de escolarização. O lugar destinado à EJA no conjunto das políticas se confunde com o lugar social resguardado para os jovens e adultos das classes populares da sociedade, essencialmente, quando “os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos” (ARROYO, 2001, p. 10).

Com o surgimento de iniciativas que encontraram meios da EJA contornar o descaso do governo na oferta de uma formação realmente preocupada com a necessidade dos jovens e adultos isentos de escolarização, surgiram também parcerias entre práticas educativas dos movimentos sociais e ações no interior das universidades, essencialmente em um momento em que estas instituições ampliavam a sua atuação para a sociedade por meio de projetos de extensão.

Esses projetos, desenvolvidos por educadores universitários, acabam sendo alguns dos espaços em que a universidade pode articular um processo de transformação social e, foi exatamente por meio dessa articulação entre o movimento popular do Paranoá e a Universidade de Brasília (UnB) que floresceu o Projeto de Alfabetização e Formação de Alfabetizadores de Jovens e Adultos de Camadas Populares – Projeto Paranoá.

Projeto esse, localizado na cidade satélite de Paranoá no Distrito Federal, que teve sua constituição imbricada à história de constituição de Brasília e suas interfaces com o êxodo rural, vindo depois a se con-

solidar como um espaço de resistência e luta pela permanência no Paranoá. Nessa luta por ocupação da terra, diversos enfrentamentos se estabeleceram com o poder executivo do Distrito Federal e a EJA foi o recurso fundamental para conscientização dos moradores nas lutas e consequentes conquistas de direitos.

Ao entender a importância das memórias daqueles que participaram da elaboração e execução do Projeto Paranoá e, considerando o engajamento e protagonismo de educadores universitários que sempre defenderam as classes populares – e aqui se incluem os sujeitos jovens e adultos não escolarizados – este estudo parte de uma problemática com visível necessidade de investigação que repousa sobre analisar, a partir das memórias de educadores universitários, quais as concepções formativas, as contradições e as lutas presentes no Projeto Paranoá desenvolvido pela Universidade de Brasília (UnB)?

Como afirmou Freire (1998, p. 33), “carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura, a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós”. Por meio das memórias, podemos entender a história das lutas sociais que implicaram e, ainda implicam, nos processos educativos desenvolvidos com a população de jovens e adultos.

Partimos do entendimento que grupos de educadores afinados política e ideologicamente com os interesses das classes populares conseguiram, em algumas universidades brasileiras, a exemplo da UnB, força para implantar e avançar com propostas de educação voltadas a jovens e adultos carentes de escolarização, ainda que, a estruturação desses programas tenha sido permeada por desafios e dificuldades de diversas ordens. Assim, partimos de uma memória viva e de uma história vivente (HALBWACHS, 2003), rumo a novos entendimentos no âmbito da EJA, da universidade e das relações estabelecidas pelos sujeitos na dinâmica social.

2 MÉTODO: MOVIMENTO E ACONTECIMENTO DA PESQUISA

Entre as maneiras de fazer ciência – acumuladas pela trajetória histórica do ser humano – assumimos nossa aproximação com o método materialista histórico e dialético, por acreditarmos ser o método capaz de nos fazer entender as determinações econômico-sociais no contexto dos antagonismos de classe. Contexto em que se estrutura o Projeto Paranoá.

As análises empíricas se estruturaram mediante entrevistas com os educadores universitários da UnB, assim como com educadores populares que atuaram no Projeto Paranoá. Para estabelecer o acesso aos nossos informantes, buscamos mecanismos que nos permitissem escavar as informações relevantes ao estudo, de modo a manter os cuidados éticos inerentes à investigação científica, tal como expresso no projeto que deriva esta pesquisa, aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número CAEE 95910318.7.0000.0055. Além do recurso das entrevistas, realizamos os estudos teóricos e de documentos, de modo a explorar os referenciais teórico-metodológicos em consonância com o retorno das memórias dos educadores.

Adotamos, para o estudo, a memória formulada mediante a interação entre sujeitos sociais, realizando, pois, um esforço de aproximação com a memória social, tributária à Halbwachs (2004) e compreendida como a reelaboração de vivências ou experiências reconhecidas pelos grupos sociais.

A fim de analisar o contexto em que a proposta de EJA foi implantada, trazemos a memória numa perspectiva materialista histórica dialética que acolhe o princípio de que os indivíduos e os grupos constroem suas memórias como produto do mundo material em que estão situados. Quando tratamos da memória recorrendo ao passado, sua rememoração passa pelo olhar do presente (ALMEIDA, 2014). Apropriamo-nos, pois, das memórias para compreendermos o desenvolvimento do Projeto Paranoá da UnB, no tempo presente.

Ao pensar a produção do conhecimento científico numa concepção materialista histórica especialmente nas ciências humanas, é preciso buscar captar a lógica própria do objeto. Por meio desse método foi possível compreender e analisar a história, as lutas e as evoluções econômicas e políticas no seio do Paranoá. Como observou Marx (1980), a pesquisa tem que captar detalhadamente a matéria, analisar suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído este trabalho é que se pode expor o movimento real.

O Projeto Paranoá desenvolvido pela UnB, retomado mediante as memórias dos educadores, apresentou significativo destaque no período de reabertura política e continua, atualmente, a apontar horizontes para a EJA, por meio da sua contribuição social para jovens e adultos, até então, alijados do direito à educação.

3 APROXIMAÇÕES ENTRE A EJA E A UNIVERSIDADE

Mesmo sendo a relação entre EJA e universidade no Brasil ainda pueril, não se pode desconsiderar a contribuição da universidade para o fortalecimento da EJA enquanto modalidade educativa. Os projetos de EJA implementados na universidade e a aceitação da EJA como campo de conhecimento acadêmico dão sinais dessa colaboração. Assim como as propostas de EJA não podem se furtar de contribuir com a comunidade, a modalidade também não pode prescindir da pesquisa, de modo a sistematizar a produção desenvolvida na área. Obviamente, as conexões entre a EJA e a universidade se constroem sobre uma perspectiva, no mínimo, complexa.

De um lado, temos uma modalidade forjada no interior das classes populares e destinada ao atendimento de minorias sociais, cujos saberes são constituídos, em quase sua totalidade, pela experiência; do outro, encontra-se uma instituição voltada à produção de conhecimentos científicos e saberes eruditos, de onde surgem relações de saber e poder bastante desiguais se comparadas às populares.

Os projetos de EJA desenvolvidos nas universidades carregam em sua tradição a via da extensão universitária. É por esse viés que se apresenta a história das primeiras iniciativas documentadas acerca da integração entre a EJA e a universidade (IRELAND, 2001). A complexidade dessa relação é tão clara que, historicamente, a via de ingresso mais premente da EJA na universidade ocorre pela extensão e, exatamente a extensão figura o componente menos privilegiado da tríade: ensino, pesquisa e extensão. A EJA acaba recebendo, pela via da academia, um espaço de prestígio inferior em detrimento a outras áreas de maior destaque no campo acadêmico.

A relação entre a educação de adultos e as universidades têm sido sustentada por uma diversidade de interesses que vêm se manifestando de modos bastante distintos ao longo da história dessa articulação.

Estudos desenvolvidos com ênfase nos anos 1980, período em que se inicia a experiência do Paranoá, apontam a existência de tensões muito evidentes na relação entre EJA e universidade. Um desses estudiosos, Haddad (1989) – que também nos emprestou suas memórias na construção de diálogos para este estudo – desenvolveu uma pesquisa com enfoque na atuação de instituições de ensino superior no Brasil, focalizando programas de escolarização para jovens e adultos.

Nessa investigação, o autor constatou que mesmo que as ações desenvolvidas pelas universidades tivessem um objetivo similar, o modo como as iniciativas eram executadas acabava sendo bem distinto, assim como eram diferentes as concepções de EJA adotadas por cada instituição. As ações voltadas à intervenção, geralmente eram motivadas por demandas do próprio grupo de funcionários das instituições. De acordo com os estudos de Haddad (1989), no âmbito da intervenção, os programas de escolarização de funcionários, por muito tempo se apresentaram como a principal forma de atuação das universidades junto a EJA.

Como diversos programas de EJA eram pensados para atacar a deficiência na formação de servidores, muitas propostas seguiam a via da prestação de serviço e, conseqüentemente, a articulação desses programas com a organização da pesquisa e do ensino nas universidades acabava sendo bastante incipiente. Essa ínfima articulação de propostas de EJA com o corpo da universidade tem uma tradição histórica enfatizada, inclusive, por professores universitários engajados na luta a favor da educação de adultos. O próprio Haddad (1989) constatou que as iniciativas de EJA, em quase sua totalidade, eram ações que partiam de uma pessoa ou grupo restrito de interessados no campo de EJA, implicando em maiores esforços e muitas dificuldades para o desenvolvimento dos projetos.

Com o intuito de conectar experiências da comunidade com a produção sistematizada da academia, alguns movimentos populares ressurgiram no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, enfatizando a relação entre EJA e universidades. Como modo de organizar as propostas para além dos muros das universidades, em 1987 foi criado o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, recebendo atualmente a denominação de Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX). Nas discussões do Fórum, os programas com fins ao atendimento das demandas da comunidade deveriam ser tomados como processos educativos, culturais e científicos capazes de promover a articulação entre o ensino e a pesquisa, já que essas seriam as vias de reencontro entre o saber acadêmico e o saber popular.

No caso do Projeto aqui analisado, a investigação das concepções de formação humana se mostrou importante para o entendimento da constituição da proposta e sua conseqüente possibilidade de transformação das realidades sociais dos envolvidos.

4 EDUCAR PARA RESISTIR E RESISTIR PARA TRANSFORMAR: ASSIM NASCEU O PROJETO PARANOÁ

O Projeto da UnB, convencionalmente chamado de Projeto Paranoá, localizado nas proximidades da barragem Paranoá, separando o Lago Sul e Lago Norte, espaços em que moram as pessoas com grande

poder aquisitivo do Distrito Federal, tem seu início, como mencionado, atrelado à história de formação de Brasília e suas relações com o êxodo rural. Em busca de melhores condições de vida, contingentes de migrantes abandonaram suas terras para arriscarem a vida na recém-construída capital brasileira.

Movidos pela necessidade de garantir uma moradia, os assentados se organizaram em prol da necessidade de sobrevivência. Nos enfrentamentos por ocupação da terra, vários conflitos se estabeleceram com o executivo do Distrito Federal, que, por meio da repressão, tentou convencer os assentados a deixarem o Paranoá e se instalarem em outros espaços, preferencialmente distantes do chamado Projeto Piloto de Brasília.

As contradições provenientes do aparato do Estado, que negava às populações do Paranoá o direito à sobrevivência, culminaram num movimento de mobilização iniciado pelos jovens do Paranoá e abraçado pelos demais moradores, na perspectiva de lutar pela regularização da ocupação das terras e pelos bens e serviços inerentes à sobrevivência das famílias. Segundo Reis (2011), essa mobilização brotou da ação de jovens católicos que, avançando na reflexão religiosa, fundaram um movimento comunitário, entendido como o primeiro grupo com cunho político do Paranoá, o Grupo Pró-Moradia.

Com a organização dos grupos do Paranoá em associações de moradores e movimentos reivindicatórios por direitos, o governo reorganizou sua tática e tentou enfraquecer o movimento. Foi diante da declarada ameaça do governo à comunidade do Paranoá que os moradores buscaram aliados “externos”, com engajamento nas pautas populares. Nesse caso, foram alguns professores da UnB que se juntaram aos moradores do Paranoá, compondo uma espécie de intelectuais orgânicos das classes populares, a favor das causas coletivas dos moradores. E para enfrentar as forças do governo, a luta pela alfabetização de jovens e adultos foi entendida como primordial.

A reivindicação pela alfabetização de adultos foi feita ao governo, mas diante do quadro de tensões e pressões pela desocupação do Paranoá, a empreitada se apresentava bastante difícil, pois, sendo a política do governo favorável à remoção dos moradores, por qual motivo esse governo formaria turmas de EJA no Paranoá? Caso o governo assumisse a alfabetização dos moradores do Paranoá, ele estaria fortalecendo a legitimação do lugar, o que contrariava, por sobremaneira, o intento da desocupação.

Já era evidente, para os moradores do Paranoá que, à medida que bens e serviços eram conquistados, o Paranoá se enraizava mais solidamente, por isso mesmo, a luta pela alfabetização de jovens e adultos não foi gestada com intento apenas escolar, mas associada ao conjunto das lutas travadas no Paranoá. A EJA se colocava, portanto, como necessária ao fortalecimento da luta coletiva dos moradores do Paranoá, e foi mediante o compromisso firmado pela UnB, por meio de educadores sensíveis à condição dos que não liam e nem escreviam, que “o projeto surge com o objetivo não somente de alfabetizar, mas de transformar os moradores em sujeitos críticos e conscientes dos seus direitos” (SOARES, 2011, p. 311) e mediante o enraizamento de turmas de EJA no Paranoá, enraizava-se também a consciência do povo, fazendo com que o governo recuasse com a desocupação.

De acordo os relatos dos educadores, o processo ensino-aprendizagem desenvolvido pela UnB e por educadores do Paranoá, visava essencialmente o desenvolvimento da autonomia política e da capacidade de mobilização dos moradores. Os educandos jovens e adultos do Paranoá, por pertencerem a uma classe expropriada dos bens e serviços que ajudaram a produzir, demandaram processos

de escolarização que, como dito por Marx (1999), não se limitassem a interpretar o mundo, mas que cumprissem o mais importante que é transformá-lo.

Com um funcionamento que compreendia a formação de educadores licenciandos da UnB e educadores populares para atuarem na conseqüente alfabetização dos educandos do Paranoá, os processos formativos empreendidos pelos educadores da UnB se consolidavam mediatizados pela realidade dos educandos, com as contradições dos seus contextos econômicos, políticos e sociais.

Os depoimentos dos educadores evidenciam que a dinâmica de funcionamento do Projeto Paranoá mantém coerência com a natureza da formação perseguida pelos mentores do projeto. As atividades desenvolvidas envolvem “Encontro de Convivência e Aprendizagem Coletiva”, designado como Fórum – espaço em que ocorrem aulas coletivas com a participação de todos os envolvidos com o Projeto. Além de alfabetizadores e alfabetizandos, o fórum recebe dirigentes da comunidade e, por seu caráter coletivo, ajuda a identificar as situações-problemas-desafios, provocando discussões e seleções de prioridades locais.

Após serem discutidas e votadas no fórum, as situações-problemas-desafios passam a ser o eixo dorsal de referência da alfabetização, sendo diluídas nas aulas com ocorrência semanal. Como o Projeto Paranoá não trabalhava e nem trabalha com cartilhas, o material de orientação se constrói pelos envolvidos mediante os problemas enfrentados pela comunidade, embasados por pressupostos freireanos e marxistas (REIS, 2011). As metodologias de ação e as discussões e encaminhamentos com fins à superação dos problemas, em estreita sintonia com a organização popular do Paranoá, constituem os caminhos metodológicos encontrados para a construção dos modos de ensinar e aprender no Projeto.

O Projeto Paranoá, desde o surgimento, apresenta uma sensibilidade política de mobilização em prol das pautas coletivas. Foi por meio dessa organização conjunta que os líderes das organizações populares conseguiram legalmente a fixação do Paranoá e pelos enfrentamentos travados, os professores da UnB e alfabetizadores do Paranoá conseguiram alfabetizar – e continuam alfabetizando – muitos sujeitos, de modo a não só fazê-los ler e escrever, mas incitando a consciência crítica e a transformação das suas realidades sociais.

Diante das lutas, os educadores da UnB que perseguiram o direito à educação para as classes trabalhadoras, buscaram meios que, mesmo contrariando estruturas, foram capazes de considerar a enorme desigualdade entre as classes sociais, preservando as especificidades das condições de existência dos jovens e adultos e garantindo a eles o direito à formação. Segundo Giovanetti (2005), a EJA é caracterizada pela presença de jovens e adultos de origem popular, marcados por processos de exclusão social, marginalização cultural e exploração econômica. Os jovens e adultos que frequentam a EJA são, em sua maioria, sujeitos expropriados pelo capital e que não possuem nenhuma condição de usufruto da riqueza que ajudam a produzir.

No enfrentamento consciente dessas situações no Paranoá, foi possível alcançar o movimento prático da formação de sujeitos críticos, políticos e epistemológicos capazes de, não somente entender suas realidades, mas para além disso, transformá-las.

5 DISCUSSÃO DOS ACHADOS: ANTIGAS QUESTÕES, NOVOS OLHARES

Ao analisar as concepções formativas, as contradições e resistências presentes no Projeto de EJA do Paranoá, desenvolvido pela UnB, é inevitável não estabelecermos nexos com o período de surgimento da proposta – década de 1980 – caracterizado pela luta e resistência da sociedade em prol da redemocratização. Esse evento já é revelador de que muitas concepções e pensamentos dos educadores, que levaram o Projeto à frente, possuíam ressonância em princípios de emancipação e transformação social, tendo como preocupação fundamental a melhoria de vida dos sujeitos sociais participantes do Projeto Paranoá, para além do mero processo de escolarização.

Desde a organização do Projeto Paranoá, as linhas teórico-metodológicas já estavam definidas, passando por aperfeiçoamentos, mas mantendo coerência com os princípios e ideias da sua gênese. O Projeto tem uma fundamentação freireana, calcada em um princípio prático marxista. O depoimento do professor e pesquisador com engajamento na EJA, Haddad³, que participou de uma conversa conosco em maio de 2019, como um dos colaboradores desta pesquisa, reforça essa afirmação.

Na minha sensação, essas experiências eram experiências freireanas, tinham a ver um pouco com essa relação entre política e educação, mas basicamente elas eram protagonistas da ideia da universidade entrar no campo da Educação de Jovens e Adultos, que estava muito pouco desenvolvida.

A preocupação com o desenvolvimento de condições que conferissem aos educandos a capacidade de transformação de suas realidades, desdobrou-se em especial atenção aos recursos didáticos para atendimento das potencialidades dos educandos. Os materiais utilizados para a alfabetização dos jovens e adultos foram/são produzidos coletivamente com os educandos, externalizando, pois, as situações concretas das realidades daqueles sujeitos. A entrevista realizada em novembro de 2019 com o coordenador do Projeto Paranoá, professor Renato Hilário Reis (2019, p.50), legitima nossa constatação.

No Paranoá não se usa livro didático. Isso foi sendo construído como resposta às necessidades dos jovens e adultos do Paranoá que demandaram da UnB uma formação voltada para a vida. O trabalho se desenvolve através das situações-problemas-desafios do cotidiano do Paranoá, porque a pessoa está vivendo isso no seu dia a dia, então ela já vai estar oralizando um real concreto ocorrido, ocorrente.

No exercício da construção dos materiais didáticos, na organização pedagógica e na preparação crítica, política e reflexiva dos educandos, consolidam-se as questões centrais do Projeto. A proposta da UnB enfoca a escolarização de jovens e adultos, a formação de educadores licenciandos da univer-

³ O professor e pesquisador Sérgio Haddad, muito embora não tenha participado diretamente dos trabalhos no Projeto Paranoá da UnB, é um estudioso da EJA com desenvolvimento de pesquisas em programas de EJA vinculados às instituições de Ensino Superior no Brasil, motivo que nos levou a convidá-lo para uma conversa sobre o presente estudo.

sidade, já que esses formandos são preparados para atuar junto aos alfabetizados do Paranoá e, o incentivo à pesquisa no âmbito da EJA.

Desse modo, os pressupostos formativos do Projeto Paranoá/UnB denotam haver a consideração dos saberes trazidos pelos educandos como elementos para o processo educativo. Partindo desses saberes, evolui-se com a sistematização ancorada em princípios freireanos e marxistas. Com isso, os diálogos entre os saberes sistematizados e a experiência social dos educandos constroem as concepções formativas do Projeto, por meio do que a realidade concreta aponta como problemas a serem atacados. No enfrentamento dos problemas-desafios, surgem não somente as saídas para as problemáticas vivenciadas pela comunidade do Paranoá, como também, pesquisas científicas que partem das experiências empíricas do Paranoá e se consolidam, pois, como um espaço de formação e produção de conhecimentos voltados à educação de adultos.

Ao captarem a realidade vivida buscando, a partir dela, elementos para sua transformação, os sujeitos do Paranoá agem na transformação de suas realidades. Essa transformação, contudo, não se torna exequível, sem a construção do conhecimento como elaboração do empírico, pois se essência e aparência fossem exatamente a mesma coisa, a ciência seria desnecessária.

A constatação de que a proposta estudada prioriza, além da escolarização, o desenvolvimento de uma consciência política capaz de transformar as estruturas da sociedade, situa a experiência em uma perspectiva de formação calcada na valorização humana e no desenvolvimento de uma consciência crítica e política por parte dos educandos.

As relações horizontalizadas de diálogos entre educador e educando, tomando como ponto de partida e de chegada, para o trabalho pedagógico, o respeito pelos conhecimentos dos sujeitos também foi um aspecto apontado como meio de promover o empoderamento necessário para que os jovens e adultos se percebessem como sujeitos de posicionamentos pela melhoria do Paranoá.

O anseio perseguido pelos educadores para que os educandos conseguissem entender e criticar a realidade em que viviam e, conseqüentemente, buscar alternativas para transformá-la, aparece como um aspecto latente. As memórias dos educadores trouxeram em relevo o sentimento de uma dívida social para com os sujeitos isentos dos processos de escolarização. A partir das lembranças de aspectos passados, a memória passa a constituir uma projeção para o que deverá nortear o porvir.

Mediante o perene processo de formação que se iniciou em 1985 e continua efetivo atualmente, os jovens e adultos do movimento popular do Paranoá, apoiados pelos educadores da UnB, enfrentaram diversos entraves, sendo que o principal desafio e a principal contradição, dentro do Paranoá, versavam sobre a importância da educação para a transformação de sujeitos sociais que não possuíam noção das implicações da escola para a fixação do lugar em que viviam. O depoimento de Renato Hilário Reis (2019, p.30) elucida essa afirmação.

Ao perceber que o pessoal não era alfabetizado, e isso estava prejudicando a luta pela fixação, os moradores do Paranoá vão atrás da alfabetização de jovens e adultos. A alfabetização não foi conquistada porque a Secretaria de Educação resolveu ir ao Paranoá, o Paranoá foi atrás, e teve a negativa. Então eles foram para o Mobral, que na época era responsável, em nível federal, pela educação nacional, mas o Mobral não atendia a expectativa deles,

que foi o que eles disseram na Faculdade de Educação da UnB: “Olha, nós não queremos uma educação de jovens e adultos apenas de apropriação de leitura, escrita e cálculos. Isso qualquer escola faz. Queremos que seja uma alfabetização de jovens e adultos que esteja levando os alfabetizados a participarem das melhorias da condição de vida do Paranoá”.

Com a conquista do início dos trabalhos formativos providos pela UnB, os jovens e adultos ampliaram a luta com o governo que pressionava para desocuparem o espaço; com a polícia, que constantemente destruía os barracos erguidos para as moradias; com grupos que surgiam dentro do próprio Paranoá, cooptados pelos agentes dominantes para esmaecer o movimento; e, até mesmo, com as condições gritantes de sobrevivência no então iniciante Paranoá. A despeito das diversas contradições e desafios que minavam as possibilidades de resistência, o grupo de jovens e adultos do Paranoá, pela via da educação, conseguiu o engajamento político e educacional necessário para resistir às investidas do governo e conseguir a garantia dos direitos. Além da fixação do Paranoá, legalmente assegurada, o grupo conseguiu conquistar as condições de manutenção de vida, com bens e serviços antes escassos.

Dentre os aspectos constatados, a perspectiva de formação capaz de incutir, nos educandos, a criticidade necessária à conquista do direito à educação e moradia aparece como um modo de fazer educação muito importante para as classes populares. Avançando no entendimento desse direito, os pressupostos formativos adotados com os educandos do Paranoá, acabaram por assegurar melhores condições de existência aos moradores, além de apontar horizontes para políticas públicas no campo da educação de adultos. Como argumenta Fávero (2009, p. 91),

Não apenas uma segunda oportunidade de escolarização, em termos do que se critica como uma “educação pobre para os pobres”, mas outras formas de educação que venham a instrumentalizar indivíduos e grupos para: entender e criticar a realidade em que vivem e, em consequência, propor alternativas para sua transformação.

Os alfabetizados jovens e adultos participantes do Paranoá/UnB, em função das várias limitações impostas, foram vítimas de um sistema que lhes expurgaram das oportunidades de acesso à escolarização no tempo tido como adequado, daí a preocupação dos educadores com uma formação política capaz de desencadear a consciência crítica dos sujeitos frente à transformação da realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Paranoá pode ser caracterizado como um espaço de discussões e produção de conhecimento, cujos debates partem de um real concreto. Ao captarem a realidade buscando, a partir dela, elementos para sua transformação, os sujeitos sociais do Paranoá nos remetem à afirmação de Marx (1999), quando ele diz sobre a necessidade de não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo. Essa transformação, contudo, não se torna exequível sem a construção do conhecimento como elaboração do empírico, mediante as relações estabelecidas.

O Paranoá é um pequeno pedaço de relações dentro de um imenso universo da totalidade das relações sociais. Nas relações estabelecidas se apresentam a fixação do Paranoá, a busca por bens e serviços inerentes à sobrevivência dos moradores e a luta pela alfabetização de jovens e adultos. Nesse sentido, a alfabetização de jovens e adultos presta a sua contribuição, não como uma iniciativa em si mesma, mas como uma iniciativa entre várias outras, num contexto de posição de classe. Os moradores do Paranoá, legitimamente sujeitos das classes populares, encontraram esteio em professores e alunos da UnB, que embora vistos dentro de suas contradições, buscaram fazer a diferença no Paranoá, colocando-se a favor das lutas dos moradores.

O reconhecimento dos educandos da EJA como sujeitos de direito à educação e à humanidade, muitas vezes perdida, perpassa pelo entendimento desses sujeitos como construtores de cultura, dotados de experiências de vida. Como atesta Arroyo (2005), nos programas de formação, uma das questões que deve ser nuclear é a constante indagação acerca de quem são esses jovens e esses adultos com quem se vai trabalhar. Essas percepções têm apontado pistas de uma nova maneira de fazer EJA. Essa especificidade da situação social, política, cultural e econômica dos educandos foi constantemente perseguida nas concepções formativas do Projeto Paranoá e, é essa especificidade que precisa ser referência para a atual construção da EJA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. A ditadura brasileira e a luta de classes no campo da memória. **Lutas sociais**, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 50-63, jan./jun., 2014.

ARROYO, Miguel. A EJA em tempo de exclusão. **Revista Alfabetização e Cidadania** – Rede de Apoio à Ação Educadora do Brasil, n. 11, abr. 2001.

ARROYO, Miguel. Educação de Jovens e Adultos – um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L. *et al* (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FAVERO, Osmar. Educação de jovens e adultos: passado de histórias, presente de promessas. **Educação de Jovens e Adultos na América Latina**. São Paulo: Moderna, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GIOVANETTI, Maria Amélia. **A formação de educadores de EJA. Diálogos na EJA**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HADDAD, Sérgio. **Promoção de programas de Alfabetização, pós alfabetização e educação de adultos com a vinculação das instituições de ensino superior no Brasil.** São Paulo: Centro de Documentação e Informação (CEDI), 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria.** Barcelona: Anthropos, 2004.

IRELAND, T. D. **Educação de jovens e adultos e extensão universitária:** primos pobres? 13º Congresso de Leitura do Brasil (COLE) - V Encontro de Jovens e Adultos Trabalhadores na Universidade Estadual de Campinas, julho 2001.

MARX, Karl. **O capital.** São Paulo: Abril Cultural, v. 1, p. 81-257, 1980.

MARX, Karl. **A ideologia alemã.** São Paulo: Hucitec, 1999.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano:** amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. SP: Autores Associados, 2011.

SOARES, Leôncio. As especificidades na formação do educador de Jovens e Adultos: um estudo sobre propostas de EJA. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 303-327, ago. 2011.

Recebido em: 6 de Fevereiro de 2020

Avaliado em: 12 de Maio de 2021

Aceito em: 12 de Maio de 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Mestra em Educação pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus I. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Guanambi-FG; Especialista em Educação a Distância pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Polo Brumado; Especialista em Gestão Educacional pela Faculdade Hélio Rocha e em Práticas Docentes Interdisciplinares pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus VI. Graduada em Pedagogia Docência e Gestão de Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia (2009).
E-mail: luizaduques@hotmail.com

2 Graduação em história pela Universidade de Pernambuco (1998), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2011). Atualmente é professor titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) onde leciona nas licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade.
E-mail: cefelix2@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

